



A HISTÓRIA DOS TEMPLÁRIOS

Quem eram os Templários?

Quem, ou o que, estava por trás de seu poder e êxito? O que causou sua ruína?

Por *Omar Cartes*

AS CRUZADAS

Para entrar na história dos Templários devemos começar com uma análise das Cruzadas, excursões militares que foram apresentadas na época com objetivos essencialmente religiosos, mas na verdade procuravam estabelecer uma rota comercial segura para o Oriente Médio com bases ocidentais, garantindo o fornecimento dos produtos orientais para um mercado europeu crescente. Os mercadores de Veneza tinham criado um centro comercial que durante séculos liderou os demais centros europeus. No início eram pescadores, mas logo começaram a comercializar seu sal, indo com o produto até o Islã e Bizâncio, onde intercambiavam madeira, armas e escravos pelos produtos orientais que revendiam na Europa com excelentes lucros. Mas as dificuldades destes audaciosos mercadores enfrentavam eram muitas, incluindo os piratas que infestavam o Mediterrâneo e o fato de não contarem com depósitos e postos de abastecimento no Oriente.

Foi fácil para os mercadores incentivarem expedições militares, explorando as desventuras dos fiéis que desde o século IV peregrinavam a Jerusalém. No século VII, Roma tinha estabelecido as peregrinações entre as penitências canônicas, aumentando o fluxo de peregrinos. Surge mais um problema com o aumento dos turcos seldjúcidas que chegam em 1095 até as portas de Constantinopla, com grande ameaça para Europa.

A Europa começou a levar muito a sério a criação de uma expedição punitiva para recuperar os Santos Lugares, que receberia o nome de I Cruzada. Nos fins do século XI o Papa Urbano II dirigiu-se ao sul da França onde estava reunido o Concílio de Clermont, lançando um veemente apelo aos cristãos presentes, (ano 1095) aos que juraram colocar suas armas e suas vidas à serviço da Igreja na luta contra os infiéis, com o grito de "Deus o quer". Entre os anos 1096 e 1270 houve 8 Cruzadas oficiais, e no decorrer delas o mundo ocidental percebeu que era necessário criar grupos paramilitares para exercer funções de apoio, tais como policiamento, preservação da fé cristã, atendimento médico, organização jurídica das terras conquistadas, etc.

AS ORDENS

Colhidos pelo profundo fervor religioso que percorreu a Europa toda, muitos nobres se alistaram nestas organizações para desenvolver tarefas de caridade e outras necessárias. Estes grupos foram a base das ordens militares com forte espírito religioso e criaram seus próprios Estatutos; os recursos financeiros eram produto de seus próprios membros ou de doações de peregrinos, monarcas ou mercadores agradecidos pela proteção recebida, ou ainda de bens conquistados no campo de batalha ou de crentes que esperavam assim receber a graça divina. Com o tempo estas Ordens convertem-se em poderosos grupos, tanto econômicos, militares e políticos.

As Ordens tinham várias características comuns sendo interessante analisar:

- Militar-religioso: Participando de uma campanha bélica como as Cruzadas, seus membros eram militares com forte espírito religioso.
- Nobres: Muitos eram membros da nobreza que, naquela época era regida pelo direito de primogenitura, que cedia ao primeiro filho a totalidade dos bens como legítimo e único sucessor, fazendo que muitos nobres ficassem sem terras por não serem primogênitos. Como as Cruzadas davam a oportunidade de

conquista de terras, esses nobres deserddados tornaram-se combatentes, unindo-se aos exércitos ou nas Ordens.

- Espírito cavalheiresco: Muitos participantes quiseram imitar as aventuras e façanhas que os combatentes de origem nobre tiveram nas lutas em favor da fé e do Ocidente, relatadas e exageradas pelos poetas populares.
- Reconhecimento do Papa: Para fortalecer este apoio militar, necessário para o sucesso das Cruzadas, e manter o controle destas organizações, a Santa Sé estabeleceu o reconhecimento delas mediante um Concílio onde era apresentado um Regimento ou Regra, normalmente preparada por um pensador religioso que passava a ser o Patrono da Ordem.

As Ordens assim formadas foram muitas, sendo a primeira a Ordem dos Hospitalários, fundada em 1113 e organizada conforme a regra de Santo Agostinho. Posteriormente surgiram a Ordem dos Cavaleiros Teutônicos, dos Cavaleiros de Alcântara, de São João de Jerusalém, de Calatrava, de Avis, a Ordem dos Templários, etc. A atuações foram diferentes se comparadas entre si, mas todas sempre se situaram dentro do contexto militar-religioso e contribuíram para criar as melhores tradições da cavalaria medieval.

Agora poderemos começar na história dos Templários, uma história oculta, com seus rituais de iniciação, seus símbolos, seus tesouros desaparecidos e sua missão em benefício da humanidade, aliás, tão importante que fez o historiador Vítor Michelet afirmar no seu livro "Segredos da Cavalaria" que, a queda da Ordem dos Templários foi o maior cataclismo da civilização do Ocidente.

OS TEMPLÁRIOS

Em 1108 reinava na França Luiz o Gordo desde 1108, e na Inglaterra o rei era Henrique I, desde 1106. A Península Ibérica fora invadida pelos Almorávidas, que já eram donos de Sevilha e Zaragoza e a I Cruzada do Papa Urbano II tinha criado es Estados Latinos do Oriente.

Hughes de Payns, um cavaleiro francês nascido aproximadamente em 1080, participante da I Cruzada, onde conhece Godefroy de Bouillon e desenvolve a idéia humanitária de cuidar da via de peregrinação que ia de Jafa à Jerusalém, o que lhe permitiria ficar no Templo, localizado no mesmo lugar onde foi construído séculos atrás o Templo de Salomão. Hughes de Payns viaja até Jerusalém acompanhado de 8 cavaleiros e apresenta-se ao Rei Balduíno II, primo de Godefroy de Bouillon, que aceita seu projeto e cede-lhes uma construção usada como mesquita, encostada ao Templo; por este motivo passam a ser conhecidos como os Cavaleiros do Templo, pese que tinham solicitado seu reconhecimento oficial como "Milícia de Cristo". Entre os 9 cavaleiros encontrava-se um tio de São Bernardo, santo que foi uma das mais esclarecidas inteligências da Igreja, e Hughes de Champagne que, após a primeira viagem, entrou em contato com um abade que se dedicou ao estudo de textos sagrados escritos em hebraico. Hughes de Champagne retorna à Terra Santa e na sua volta constrói a Abadia de Clairvaux para que o seu amigo abade, que já estava acompanhado de mais 12 monges, continue o estudo dos textos em hebraico antigo.



Desde 1119 até 1128 Balduíno II enfrenta uma terrível pressão militar da parte de seus inimigos orientais, turcos, egípcios, grupos de muçulmanos, etc., enquanto os nove cavaleiros destinados a proteger a estrada peregrina, permanecem dentro do Templo, aparentemente sem atividade militar nenhuma. Será que eles procuravam o Santo Graal, aquele cálice sagrado que a lenda nos fala esteve nas mãos de Abraão, Melquisedec, Moisés, a Rainha de Sabá, o Rei Salomão, Jesus na última ceia, José de Arimatéia, que recolheu nele o sangue de Jesus na cruz?

Será que eles procuravam a Arca da Aliança com as Tábuas da Lei, que segundo autores eram um conjunto de livros da mais elevada sabedoria, em poder dos sacerdotes egípcios, e que Moisés apropriou-se deles para servir de guia no desenvolvimento de seu povo?

AS TRÊS GRANDES MISSÕES DOS TEMPLÁRIOS

Esta seria a *Primeira Grande Missão* dos Templários: encontrar algo de muito valor que foi perdido, como símbolo da eterna procura da Verdade, da Sabedoria, do Conhecimento e da Perfeição do Homem.

Em 1128 é celebrado o Concílio de Troyes, citado exclusivamente para conhecer e aprovar a Ordem dos Templários, seguindo a Regra preparada por São Bernardo. Estas Regras eram um conjunto de deveres militar-religiosos, muito rigorosos e mencionando muito o número três, número considerado cabalístico pelos Templários. Tanto a divisa “**Non Nobis, Domine, Non Nobis, Sed Nomini Tuo ad Gloriam**” (Não por nós, Senhor, não por nós, mas para que teu nome tenha a glória) como o primeiro parágrafo "Tu, que tendes renunciado as coisas mundanas", mostra desde o início a entrega total dos Cavaleiros à Ordem. Antes de pronunciar os votos, os cavaleiros deviam cumprir um noviciado e somente a partir do pronunciamento dos votos é que podiam ser considerados religiosos.

“Aos cavaleiros impõe-se o hábito branco, cabelos rasos e conservar a barba; os oficiais inferiores e escudeiros deviam usar manto preto, sendo obrigatório à simplicidade no vestir; deviam ser pronunciados os votos de castidade, pobreza e obediência, e as assistências aos ofícios religiosos de dia e de noite eram obrigatórias”.

É interessantes prestar atenção a estes votos e as regras tipicamente religiosas, que os Templários cumpriam rigorosamente, pois uma das acusações feitas contra eles foi justamente a de heresia.

Continuemos vendo estas regras:

"Deviam recitar 15 Pater de manhã e comer magro 4 dias por semana; ao morrer um Templário, cada membro da Ordem devia dizer 100 Pater diários durante 7 dias, e o quinhão que corresponderia em vida ao defunto, era repartido aos pobres durante 40 dias. Comungavam 3 vezes por ano, ouviam missa 3 vezes na semana; a caça era-lhes proibida; a principal dignidade era o Grão Mestre, que tinha honras de Príncipe entre os Reis; depois vinham os Preceptores e os Grandes-Priores, logo os Visitadores e, em quarto lugar de hierarquia, estavam os Comendadores; a luxúria era condenada; para receber um novo cavaleiro reunia-se o Capítulo, que era formado pelos altos dignitários e capitães de certo nível; a cerimônia tinha lugar na Igreja durante a noite. O recipiendário era interrogado três vezes antes de ser introduzido no Templo e pedia três vezes pão, água e a fraternidade da Ordem; os cavaleiros observavam três grandes jejuns; a esmola era feita em todas as casas da Ordem três vezes na semana; o". Cavaleiro tinha três cavalos; comiam carne três vezes na semana e nos dias em que não a comiam podiam optar por três pratos diferentes; adoravam a cruz solenemente três vezes por ano; juravam não fugir na presença de três inimigos; se lutassem para defender a vida contra outros não hereges, só deveriam reagir depois de três vezes atacados. Flagelavam-se por três vezes, no Capítulo, aqueles que tinham merecido esta correção; os cavaleiros em combate jamais podiam pedir clemência, não podiam pagar resgate quando feitos prisioneiros; em virtude disso os Templários caídos prisioneiros, inclusive Grão-Mestres foram quase sempre executados; ninguém podia dispor dos bens da Ordem sem o voto do Capítulo; os cavaleiros deviam estar sempre dispostos a dar a vida pelos seus irmãos; os irmãos eram iguais entre si e não devia ser levada nenhuma diferença entre as pessoas. A Ordem eliminava absolutamente as diferenças de classes sociais, seguindo fielmente a doutrina do Nazareno."



O selo dos templários exibindo dois cavaleiros montando o mesmo cavalo.
(Weidenfeld Archive)

Sendo aprovadas estas Regras pelo Concílio de Troyes, estava oficialmente reconhecida e formada a Ordem dos Templários. Como acabamos de ver, as Regras exigiam sacrifícios dos cavaleiros e obrigavam a deixarem de lado os prazeres mundanos, as mordomias da vida na corte, as práticas da caça, se separavam das famílias, doavam suas riquezas, tudo com a promessa de um único prêmio: a salvação eterna. Muitos cavaleiros sendo ricos na suas terras, ingressando na Ordem passavam a ser pobres; eles nada possuíam, apenas a Ordem era rica.

E como é explicável que a Ordem tenha mantido por quase 200 anos um espírito de união tão forte, com um comportamento exemplar de seus membros, todo estreitamente unido por um único objetivo? Existia uma Regra secreta com mandamentos que são desconhecidos até hoje?

Em 1130 Hughes de Payns entra outra vez na Palestina, já como Grão Mestre, com um exército por ele recrutado e se estabelece na casa vizinha ao Templo de Jerusalém, a Casa dirigente da nova Ordem. Na França permanece Payen de Montdidier como Mestre, iniciando-se assim a fase operativa. No Oriente e na Europa a espada templária acode em defesa do fraco, assim como a esmola templária ajuda aos pobres. O exército disciplinado e bem treinado

nunca recusa um combate. Um detalhe: Cinco Grãos Mestres morreram em combate e outro morreu prisioneiro, pois se recusou a pagar resgate.

A parte material também era um sucesso. As doações deixam a Ordem rica, doações que, curiosamente, começaram antes de 1138, fazendo os historiadores imaginarem que a Ordem, com seus objetivos, já existia secretamente bem antes da data oficial. Em 1270 os Templários já tinham acumulado, só na França, cerca de 1000 comendadorias e inúmeras granjas e solares. No reino de Valença, Espanha, os Templários eram donos de 17 praças fortes. Inclusive o rei de Aragão pretenderam dividir todo seu reino entre os Templários e os Hospitalários, que foi impedido pelo clero, a nobreza e o povo. A rainha de Portugal daria à Ordem em 1128 o Castelo e a mercê de Saure, às margens do Mondege. As propriedades da Ordem estavam em toda a Europa, mas a principal concentração estava na França, país onde a Ordem tinha a sua máxima importância. Na Terra Santa, Palestina, Antioquia, Trípoli, Saint Jean D'Acre, etc, também mantinham comendadorias. Na Espanha e Portugal eles tinham conquistado fortalezas dos muçulmanos e construído outras em pontos estratégicos, criando uma linha de defesa na costa mediterrânea contra os corsários, especialmente em Provença e em Catalunha.

Os ingressos em dinheiro auferidos pela Ordem não cessavam de crescer. Vinham de aluguéis de casas habitação (dizem que em Paris a Ordem era dona de bairros inteiros), de dízimos, venda de produtos agrícolas cultivados na suas inúmeras granjas, dinheiro recolhido pelas igrejas da Ordem, etc.

Para facilitar a comunicação e transporte entre todas as comendadorias, fortalezas, portos (os Templários possuíam uma bem abastecida marinha) etc, os Templários construíram especialmente a França uma rede de bem cuidadas estradas, beneficiando o desenvolvimento de todas as atividades econômicas do país. A qualidade da estrada unia-se a segurança dada pelos Templários, especialmente nas proximidades de suas propriedades e, assim, os viajantes viam-se livres de salteadores. O curioso, observando um mapa destas estradas templárias publicada no livro Os Misteriosos Templários, de Louis Charpentier, é observar que 6 grandes estradas desembocam ou partem de La Rochelle e distribui-se pela França inteira. Curioso porque La Rochelle não existia como porto oficialmente reconhecido naquela época e nem sequer com a cidade, mas os Templários tinham ali uma casa provincial que dirigia suas atividades naquela parte da costa atlântica. Falamos que os Templários possuíam uma frota poderosa, cuja atividade militar concentrava-se no Mediterrâneo e, por tanto, as bases mais poderosas poderiam ser em Valença ou em Barcelona, então, por que em La Rochelle?

Alguma razão secreta deve ter existido que justificasse este investimento de porto e estradas; só que nenhuma prova ficou e, na falta de provas, os historiadores iniciam suas especulações unindo fatos aparentemente isolados. Quando nasceu a Ordem dos Templários a prata quase que não existia; as moedas eram feitas de ouro e bronze. No fim da Idade Média, a moeda de prata passa a ser de uso corrente. De onde saiu essa prata? A Europa tinha umas poucas minas de prata na Alemanha, mas ainda não estavam sendo exploradas. As minas de prata estavam na América, mas ainda não tinham sido “descobertas” por Cristóvão Colombo. E no Oriente a prata era mais apreciada que o ouro. Unamos agora estes fatos com algumas suposições: os Templários conheciam o valor da prata no Oriente. Eles sabiam ou descobriram a

existência abundante de prata na América. É fato conhecido que os normandos navegavam até a América bem antes de Colombo. Então já temos uma grande hipótese. Os Templários montam uma frota, constroem um porto em num lugar desabitado, longe dos olhares de intrusos, dotam-no de estradas e começam a trazer a prata da América, em competência com o ouro, para criar um novo padrão financeiro sob seu controle que iria reforçar o sistema bancário que tinham montado para facilitar transações comerciais e outros empreendimentos dentro da Europa.



Peregrinos escoltados por cavaleiros do Templo avistam a cidade de Jerusalém.

Gravura do século XIX da escola inglesa.

Exatamente, eles tinham criado um sistema financeiro que era uma novidade para a época. Como cada comendadoria possuía ouro e dinheiro corrente em quantidade, a Ordem começa a fazer o papel de Banco nacional, oferecendo aos comerciantes o serviço e vantagens de uma “letra de câmbio” que evita o transporte de dinheiro tão exposto a perigos. Esta função bancária também incluía empréstimos de grandes somas para o comércio, o Estado e até para a Igreja; em numerosas oportunidades o governo central utilizou-se dos serviços bancários da Ordem para recolhimento de impostos.

Existem autores que consideram que o serviço dos Templários não passou de ser Caixa ou Tesoureiro e que, considerar que eles eram bancários, seria um erro. Tudo bem, mas isso já passa a formar parte de uma discussão do que entendemos por serviço bancário.

O poder central dos Templários também desenvolveu outras atividades tendentes a agilizar o progresso econômico e social e, entre elas, podemos citar:

- Vias de comunicação; proteção aos viajantes e ao transporte de produtos que sofriam permanentemente a ação dos salteadores.
- Supressão de cobrança de pedágio, imposto pelos senhores feudais, liberando desse pedágio a quem usar as pontes e estradas templárias.
- Desenvolvimento de culturas, especialmente trigo e cevada para diminuir a fome que, nessa época dizimava as populações mais carentes.
- Convite a artesãos, construtores e outros ofícios, para se instalarem em terras templárias, onde poderiam trabalhar livremente nem sofrer taxas.
- Liberação dos servos do sistema feudal aos que viviam nas comendadorias templárias; só na França a Ordem era proprietária de umas 2.000 comendadorias; cada uma delas possuía, em média, uns 1.000 hectares de terra cultivável.

Como é fácil ver, estas medidas tiveram como resultado uma liberação do comércio da tutela do governo estabelecido, passando a controle indireto da Ordem. Alguns historiadores argumentam que não foi a cobiça que fez o rei Filipe O Belo destruir a Ordem dos Templários. O objetivo social da Ordem que visava organizar uma nova sociedade na qual todos seriam iguais, trabalhando com segurança e vivendo em paz e prosperidade, tem sido considerado como a *Segunda Grande Missão* dos Templários, colocava em grande perigo aos dois poderes que governavam sem oposição e dentro do maior absolutismo: a Monarquia e o Papado. O rei haveria analisado as ações dos Templários e decidido pela destruição da Ordem. Os Templários, na construção de fortalezas militares, aproveitaram a experiência dos bizantinos, o que, unido às máquinas de guerra que lhes permitia movimentar grandes pedras, dedicaram-se a construir catedrais, muitas das quais são motivos de admiração dos turistas que hoje visitam Europa. Por isso, os Templários são considerados por alguns autores como os precursores das associações de pedreiros e por ai, buscam a origem da Maçonaria; lembram que a expressão freemason é de origem francesa e que apareceu entre os anos 1376 e 1396, e que, nessa época, chegam à Escócia restos dos Templários fugindo da perseguição francesa e ocultaram sua identidade atuando como pedreiros.



Entre 1146 e 1272 são construídas na França uma infinidade de catedrais e, entre elas, 25 de grande porte o que evidencia a existência de várias comunidades de construtores em ação. A França tinha no início do século XIII uns 10 milhões de habitantes, uma população esfomeada, empobrecida, participando das Cruzadas e de guerras regionais e que tinha uma quantidade impressionante de profissionais construtores. Estes profissionais devem ter sido formados por alguma instituição e não foi pelo governo nem pela Igreja já que estavam empobrecidas após o fracasso das Cruzadas. Os tempos que a Europa vivia eram os piores que a história conheceu. Quem formou então estes profissionais que desenvolveu os projetos e financiou as construções? Podemos falar então da Terceira Grande Missão dos Templários e que é a *Construção do Templo*.

O REI FILIPE O BELO E O PAPA CLEMENTE V

E agora entremos no capítulo final da história dos Templários.

Os personagens principais desta fase final são três: o rei Filipe IV chamado o Belo, o Papa Clemente V e o 22º Grão Mestre da Ordem dos Templários, Jacques de Molay. Filipe, o Belo, nasceu em 1273 e aos 17 anos subiu ao trono da França. Ele no apogeu dos Capetos deu prosseguimento à tradicional política de ampliação dos domínios reais e a centralização do poder monárquico, entrando em choque com as teses da supremacia do Papado, pretendendo inclusive a cobrança de impostos do clero francês, e o Papa Bonifácio VIII se opôs energicamente. O estopim deste conflito foi a prisão, ordenada por Filipe, do Bispo de Painiers. Evidente que o Papa optou pela defesa do Bispo e solicitou ao rei a sua imediata liberação sob pena de excomunhão.

A excomunhão na época era uma pena gravíssima e mais ainda tratando-se de um rei, supostamente de caráter divino, pois o excomungado era excluído da comunidade cristã, sem nenhum direito, significando que os seus vassallos, no caso do rei, não eram mais obrigados a lhe prestar obediência. Em 1302 Filipe o Belo convocou os Estados Gerais, e os conselheiros lhe recomendaram a acusar o Papa de heresia. Em 1303, em um ato de verdadeira audácia, o rei enviou um grupo armado ao Palácio de Anagni, Florença, e retiveram o Papa prisioneiro por três dias até que a burguesia de Florença reagiu indignada, liberando o Papa. Bonifácio VIII para a sua melhor segurança retornou a Roma, mas nos seus 86 anos de idade, não resistindo a tantas emoções desagradáveis, veio a falecer trinta dias depois.

Foi eleito então pela Cúria romana, Bento IX, que manteve uma atitude intransigente contra Filipe O Belo, ampliando a excomunhão dos assessores jurídicos do rei. Mas, misteriosamente, Bento IX morreu envenenado com figos após oito meses e meio de Papado. Na época muitas personalidades foram acusadas da morte do Papa e, como era lógico supor, também Filipe o Belo foi acusado, mas não com muita convicção. A própria Igreja não se pronunciou e também não desenvolveu nenhum processo investigatório.

Para a escolha do novo Papa a coisa complicou-se, pois o Colégio de Cardeais, reunido em Perusa, dividiu-se em dois grupos, um a favor e outro contra a França, sem chegar a resultado nenhum. Após nove meses chegou-se a uma solução: um partido escolheria o futuro Papa de uma lista de 3 nomes a ser apresentada pelo outro partido. A escolha correspondeu ao partido francês que era dirigido evidentemente, pelo Rei. O partido, que podemos chamar de italiano, apresentou a sua lista de 3 nomes que incluía o do Arcebispo de Bordeus, Bertrand de Gott Villadrant, Casconha, França. Este era de caráter débil e fácil de ser manipulado. Antes da eleição, foi chamado a uma reunião com o Rei, onde este condicionou a sua escolha à concessão de 6 graças especiais:

1. Reconciliação da Igreja com o Rei da França;
2. Perdoar o erro cometido na pessoa do Papa Bonifácio VIII;
3. Ceder ao Rei da França os dízimos cobrados pela Igreja durante 5 anos;
4. Destruir e anular a memória do Papa Bonifácio;
5. Restituir a dignidade de Cardeal a dois amigos do Rei e fazer Cardeais a outros amigos dele;
6. A sexta graça o Rei deixou para ser comunicada quando a ocasião fosse propícia.

Levado pela ambição, Bertrand de Gott concordou em tudo e foi eleito Papa. Sua primeira prova de submissão ao Rei foi quando, contra a vontade da maioria dos Cardeais, permaneceu na França, sendo coroado 5 meses depois como Clemente V, fixando sua residência em Avignon.

A situação financeira do reino da França piorava cada vez mais, estando o povo cansado dos abusivos impostos. Nesse momento, os funcionários encarregados das finanças do reino, promulgaram uma nova ordenança pela qual era criada uma nova moeda, reduzindo a moeda existente a metade do seu valor. O povo revoltou-se, dirigindo-se à residência do Rei, que teve de escapar, sendo escondido pelos Templários na câmara secreta do Templo em Paris, onde era guardada parte importante das riquezas da Ordem. Podemos imaginar os pensamentos que passaram pela mente do Rei naqueles momentos que ele ficou contemplando tanta riqueza. Para acalmar o povo foi deixada sem efeito a desvalorização da moeda, podendo assim o Rei voltar em segurança ao seu Palácio.

JACQUES DE MOLAY

O Rei decide cobrar do Papa a sexta graça. Obediente, o Papa mandou chamar a sua presença o 22º Grão-Mestre da Ordem dos Templários, Jacques de Molay. Jacques de Molay tinha nascido em Beçanson, França, entre 1240 e 1243, de família nobre, tendo ingressado na Ordem em 1265; foi enviado à Palestina onde esteve sob as ordens do Grão-Mestre Guilherme de Beuajen. Com a morte deste, em 1298, foi eleito Grão-Mestre por unanimidade.

O motivo dado pelo Papa da chamada de Jacques de Molay era para ouvir a sua opinião sobre uma nova Cruzada e a possibilidade de unir as duas grandes Ordens: os Templários e os Hospitaleiros de São João.



Jacques de Molay

Houve grande discussão no Capítulo. A Terra Santa já estava definitivamente perdida para o Ocidente e, como temos visto, este não era um dos objetivos dos Templários, ao menos assim parecia ser. Na França localizava-se o centro principal de operações da Ordem e o Capítulo suspeitava que a viagem poderia trazer grande perigo para a Ordem. Mas sendo o Grão-Mestre subordinado hierarquicamente ao Papa, uma recusa de obedecer significaria um ato fortemente rebelde. Decide-se finalmente pela viagem. Então, no início de 1307, Jacques de Molay viaja acompanhado de 200 cavaleiros, transportando todo o tesouro que a Ordem possuía no Oriente, estimado em 150.000 peças de ouro e grande quantidade de prata, levadas ao lombo de mulas. Este dinheiro foi utilizado na compra de grande extensão de terras na mesma França.

Jacques de Molay e seus dignitários foram recebidos com grande pompa pelo Rei Filipe, o Belo. O Rei conhecendo o poder de sua futura vítima procurou algum tipo de aliança com Jacques de Molay. Nomeou-o padrinho de um de seus filhos e propôs-lhe o ingresso de outro na Ordem dos Templários. Evidentemente este novo membro da Ordem, em razão de sua linhagem real, deveria ser em curto prazo o novo Grão-Mestre. Jacques de Molay recusou gentilmente, mas com firmeza. Nesse ínterim, o Rei, sempre com cobiça, conseguiu da parte de Jacques de Molay um suculento dote para sua filha Isabel, que estava pronta para casar-se.

Nas suas entrevistas com o Papa, Jacques de Molay recusou a fusão com os Hospitaleiros, porque percebeu que a nova Ordem ficaria sob o comando do filho do Rei. A fusão também não era interessante porque poderia afastar os Templários daquela triplíce missão da qual já temos falado.

O PROCESSO

Diante da recusa de Jacques de Molay, o Rei fez espalhar horríveis calúnias sobre os Templários que estremececeram a mentalidade simples do povo. Em 14 de setembro de 1307 o Rei decreta a prisão de todos os Templários dentro de seu reino e o embargo de todos os seus bens.

As acusações contra os Templários foram as seguintes:

- No momento da iniciação, os Templários deviam renegar a Cristo, a Virgem Maria e a todos os Santos.
- Deviam cuspir na cruz.
- Não acreditavam nos Sacramentos da Igreja e os Padres da Ordem omitiam as palavras da consagração na missa.
- Acreditavam que o Grão-Mestre, os Visitadores e os Preceptores, ainda sendo leigos, tinham o poder de absolvê-los de seus pecados.
- Praticavam a sodomia entre si.
- Na iniciação recebiam beijos na boca, no umbigo, no ventre nu, no ânus e na espinha dorsal.
- Tinham ídolos de diversas formas de cabeças, incluindo caveiras humanas.

O processo, inicialmente desenvolvido pelo Rei da França, atingiu todos os Templários, como pessoas, pois os Templários como Ordem dependiam exclusivamente do Papa que, débil de caráter, ainda não decidira dar início oficial a tanta ignomínia. Mas o objetivo principal do Rei era a Ordem mesma, para poder apropriar-se de todos os



A queima dos Templários. Iluminura do século XIV da Crônica da França ou de Saint-Denis

seus bens, ao menos na França. Daí que decidiu envolver a Santa Inquisição no processo através de Guilherme de Paris, Inquisidor da Fé desde 1303 e, coincidentemente, confessor do Rei desde 1305, para que ela, julgando aos Templários individualmente, obtivesse confissões mediante tortura, se necessário, que envolvessem à Ordem de tal maneira que, quando o Papa decidisse iniciar o julgamento contra a Ordem, estivesse tudo preparado.

Porque envolver a Inquisição? A Inquisição desejava o controle absoluto da Igreja, e a Ordem dos Templários, com seu poder econômico e militar, era um sério tropeço que seria bom eliminar. Temos, pois, o Rei apeteendo as riquezas dos Templários, a Inquisição desejando eliminar um sério obstáculo para sua hegemonia dentro da Igreja e um Papa pusilânime, subjugado ao Rei.

Um fato curioso, que tem provocado o interesse dos historiadores, é a passividade dos Templários em se deixarem prender pelas forças do Rei. Naquela época, os Templários deviam ter na França 3.000 cavaleiros de primeira linha, infinitamente superiores aos militares do Rei; fora deles, tinham os escudeiros que se vestiam de preto e os servidores e funcionários, que se bem não fossem combatentes, serviriam no caso como apoio e para cuidar das instalações.

Acontece que os Templários juravam lutar contra os inimigos da fé que, tradicionalmente, eram de outra raça; a Regra proibia-lhes combater contra cristãos, somente podiam reagir quando três vezes atacados e, em caso de conflito, a declaração ou ordem de lutar somente podia vir do Grão-Mestre. Estando ele preso, os Templários, com uma disciplina pouco comum, somente se limitaram a obedecer as Regras juradas. Agora entremos na análise das acusações, pois mostrará que os Templários possuíam conhecimento esotérico muito avançado chocando e chocam, ainda hoje, à pessoas fanáticas ou de mentalidade simples. A existência de Jesus de Nazareth e sua crucificação da forma como tem sido transmitida pela Igreja, tem sido questionada por diversos setores. Na Terra Santa não existia até a Idade Média nenhuma cidade com o nome de Nazareth e sim uma comunidade essênica da Galiléia, que tinha aquele nome, e a Igreja têm procurado ocultar a origem de Jesus como essênio. O amor fraternal apregoado por Jesus é um dos alicerces principais da sua doutrina, mas nos Evangelhos, lemos expressões de um Cristo violento, vingativo, intolerante, fanático, etc (Aquele que não está comigo, está contra mim... Desgraça a ti, Corazaim. Desgraça a ti, Bethsaida ... Trazeis aqui meus inimigos que não me quiseram como Rei e matai-os em minha presença (Lucas XIV – 27) ... Se a tua mão é um objeto de escândalo, corta a tua mão ... Olho por olho, dente por dente ... Eu vim para por a divisão entre o filho e o pai ... Deus deu esta ordem: honra teu pai e tua mãe e aquele que amaldiçoar seu pai, seja punido ...)

Louis Carpenter, no seu livro Os Mistérios Templários e Edmond Bordeaux Szekely em A Origem Essênica do Cristianismo (1927), lança a possibilidade de haver nas Escrituras um guerrilheiro e um Mestre. O guerrilheiro pode ser o filho mais velho de José, que deseja recuperar o trono de Davi, sua herança, e que foi crucificado pelos romanos. O Mestre pode ser um essênio, supliciado, mas não morto pelos judeus. O descobrimento dos Rolos do Mar Morto em março de 1947, junto com esclarecimentos de alguns pontos da existência dos essênios, complicou outros, especialmente aqueles relacionados com Jesus e a Sagrada Família e seu relacionamento com os essênios. Lembremos que os Templários em muito se assemelhavam aos essênios: somente moravam na comunidade, usavam o branco como vestimenta, todos seus bens eram comunitários, individualmente nada possuíam, obedeciam rigorosamente a hierarquia, etc.

Os Templários consideravam-se fieis cristãos, reverenciavam a Cristo, mas aparentemente não manifestavam o mesmo entusiasmo por Jesus, o que naquela época era considerado uma heresia grave.

Vejamos agora a acusação de cuspir na cruz: no mundo antigo a cruz era um instrumento de tortura usado para castigar escravos e indivíduos de classes inferiores. A partir daí as religiões, tentando expressar a dor dos que sofrem, incluíram a cruz nas suas variadas formas para venerar deuses pagãos. Mas o cristianismo demorou em adotar a cruz dentro de sua liturgia. O suplício na cruz era o símbolo da derrota dos escravos rebeldes; existia um terror instintivo que afastava os fiéis da exaltação pública da cruz. E quando, aos poucos, a cruz foi aparecendo no cristianismo, os cristãos antigos foram apelidados de “adoradores da cruz”, ficando evidente a forma pejorativa. Somente no século V começa a ser admitida a imagem de um Jesus crucificado. Mas com uma argumentação: a cruz de madeira é matéria, diferente do espírito; a matéria apodrece, o espírito é eterno. E era assim que os Templários entendiam-na; o parágrafo 13 do Título I das Regras dos templários indicava que o Recipendário caminhará sobre a cruz, mas no parágrafo seguinte explicava-se que não é a forma, mas sim a essência que devemos reverenciar.

A acusação referente aos ídolos, os historiadores não têm conseguido aclarar totalmente. Sobre o crânio não existe dúvida, tinha para os Templários o mesmo significado que tem para os maçons, que não é outro senão o reconhecimento da Razão, de que o Homem está dotado e que se encontra contido dentro do crânio. Fora os crânios, havia outros tipos de cabeças de formas estranhas encontradas nas Casas dos Templários, mas nenhum dos interrogados soube dar uma explicação certa, seja por ignorância, ou por fingir ignorância, e que os inquisidores pelas mesmas razões não insistiram.

Vejamos agora os beijos em certas partes do corpo do Recipendário, indecorosos conforme a Inquisição. Na parte mais baixa da espinha dorsal está localizado o Chakra Fundamental ou Básico; é a sede do Fogo Serpentino, a energia criadora em estado latente; o desenvolvimento deste centro proporciona domínio sobre os elementos da Terra. Pela espinha dorsal do homem circula a medula espinhal, sendo a crença transmitida pelos hindus, que nela existe uma força vital do homem, independente de sua vitalidade animal: é a serpente Kundalini, dormente, mas que se for acordada, dirigir-se-á ao já mencionado Chakra Fundamental ou Básico. Os Templários evidentemente de posse deste conhecimento iniciático, faziam o Mestre beijar o Recipendário no local abaixo da espinha dorsal. Quanto aos beijos em outros lugares do corpo não existem informações dignas de crédito e pode que elas foram incorporadas nas acusações mais como calúnias, ou poderiam estar relacionados com outros Chakras. De todas maneiras, aproveitamos este exemplo para lembrar o motivo principal pelo qual as Escolas Iniciáticas mantêm seus Rituais fora do alcance de profanos, pois eles, com a sua ignorância ritualística, além de não entender, podem mistificar para o lado mais sujo estes procedimentos.

Quanto à acusação de sodomia, acreditamos que não vale a pena nos ocuparmos dela, já que não foi reconhecida por ninguém, nem ainda sobre tortura, sendo aparentemente mais uma calúnia para aumentar dentro do povo a indignação contra os Templários.

As outras acusações englobavam-se no pecado de heresia, sendo de muita gravidade para os tempos que corriam, em que a Igreja era a dona das mentes e das almas e aquele que se manifestava contra a fé, sofria o castigo da excomunhão que significava o ostracismo dentro da sociedade. Mas acontece que poucas vezes tem-se visto tanta religiosidade e fé dentro de um corpo militar como no caso dos Templários. Conforme vimos, a Regra mantinha-os em contato permanente com a religião e tanto é assim que eles ainda no cativeiro pediam insistentemente assistir a missa e comungar. Lembremos que durante 200 anos eles lutaram e morreram (incluindo 5 Grandes Mestres) pela fé religiosa e, quando feitos prisioneiros, eles preferiam morrer a abjurar da sua fé. Quando a Ordem foi dissolvida, grande número de cavaleiros ingressou em diferentes conventos para continuar dentro da sua fé. Que classe de hereges são esses?

Acolhendo os conselhos do Rei, a Inquisição foi violenta com os Templários, encarcerando-os, torturando-os e queimando-os; 54 Templários foram queimados vivos em Paris antes de serem interrogados. O Papa Clemente V reforçou essa violência, exigindo por carta endereçada ao Rei de Chipre e aos Bispos de Famagusta a aplicação de torturas. É bom esclarecer que em outros países a reação contra os Templários não foi tão desfavorável. Em 16 de outubro de 1311, reuniu-se em Viena um Concílio Geral para julgá-los e que deu em nada. Em Aragão e Portugal, eles foram autorizados a ingressar em outras Ordens se o desejassem; na Alemanha e na Itália, eles foram simplesmente absolvidos; na Inglaterra, eles foram detidos e submetidos a processo pelos Inquisidores, mas sem a amplitude e violência da França. Em 21 de outubro de 1310 o Concílio de Salamanca absolveu os Templários de toda a culpa. Vendo que o clima podia mudar a favor deles, em 1312 o Papa Clemente V emitiu a Bula Vox Clamantis extinguindo a Ordem e, no dia 2 de maio do mesmo ano, a Bula Ad Providas, que regulamentava a requisição de seus bens; esta Bula está cheia de contradições e demonstra muito bem o caráter débil do Papa, pois assim como reconhece não estar em condições de emitir uma sentença jurídica, condena a Ordem à extinção perpétua.

A MORTE

Em 3 de março de 1314, o Grão-Mestre Jacques de Molay acompanhado de três Altos Visitadores, comparece ao átrio de Notre Dame em Paris para ouvir a sentença que os condenará a prisão perpétua. Mas Jacques de Molay toma a palavra, retratando-se publicamente das confissões obtidas sob tortura e declarando a Regra do Templo como santa, justa e católica, sendo seguido nessa atitude por Geoffroy de Charnay. Diante de tamanha mostra de rebeldia e coragem contra o Rei e a Inquisição, a reação das autoridades francesas foi imediata: condena-os à fogueira, sendo executados nessa mesma tarde.

Jacques de Molay, perante a fogueira, despiu-se totalmente de suas vestes de Grão-Mestre, ficando nu para simbolizar que era o ser humano Jacques de Molay estava sendo queimado e não o Grão-Mestre da Ordem dos Templários e fala-se que, nas suas últimas palavras, estabeleceu um prazo de 45 dias ao Papa e de um ano ao Rei para comparecer ante o Tribunal de Deus.

Em 20 de abril de 1314, em Roquemaure, o Papa Clemente V morria vítima de uma infecção intestinal e, no mesmo ano, em 29 de novembro, em Fontainebleau no Rei morria de paralisia provocada por uma queda do cavalo. Curiosamente conforme relata Louis Charpentier em seu livro Os Mistérios Templários, base importante deste trabalho, Nogaret, assessor legal do Rei e que dirigiu o processo contra a Ordem, morria misteriosamente em 1314, e quatro “delatores”, que participaram do processo desde o início, também morriam apunhalados ou enforcados.

O destino vira a costa para a França. Inicia-se a Guerra dos Cem Anos contra a Inglaterra, com muitas derrotas militares que deixam o país arrasado e a fome toma conta do povo francês. Para piorar, entre 1348 e 1350 a Grande Peste ou Peste Negra dizima uma parte importante da população.

Muitas lendas surgiram após a morte de Jacques de Molay, incluída aquela que o cavaleiro D'Aumont e mais sete Templários tinham recolhido as cinzas do Grão-Mestre e fugido, disfarçados de pedreiros até a Escócia. Nesse país, favorecidos pelas antigas relações da Ordem, tinham organizado uma Loja com dois Capítulos: um exterior para difundir o ideal religioso e social dos Templários, de forma que fosse acessível ao povo, e outro interior, para vingar a Ordem da perseguição do Rei e do Papa, incluindo na vingança os Hospitaleiros e os Cavaleiros de Malta, beneficiados com a distribuição dos bens dos Templários. Segundo alguns autores, esta Ordem seria a origem dos Altos Graus Escoceses Maçônicos, se bem, é certo, não existe prova histórica desta afirmação.

Na segunda metade do século XVII as sociedades secretas multiplicam-se na Europa. Inúmeros personagens circulavam pelo continente em serviços secretos, sendo um deles o famoso e misterioso José Balsamo, que se fazia chamar Conde de Cagliostro. Quando Cagliostro foi iniciado na seita Os Iluminados, em Franckfurt, foi-lhe confiado um velho manuscrito chamado “Nossos Grandes Mestres os Templários”. O mesmo Cagliostro tinha um signo secreto com as iniciais L P D (Liberdade Povo Dever), mas que tinha um significado oculto que lembrava a vingança ditada cinco séculos atrás contra os herdeiros de Filipe o Belo: Lillia Pedibus Destruere (Destruir a Flor de Lys).

Na Revolução Francesa também aparece a marca dos Templários. Discute-se que o nome dos Jacobinos deva-se a Jacques de Molay (Jacobus Molay) e não, como é conhecido comumente, homenagem ao pretendente Stuardo, ou a Igreja dos antigos religiosos jacobitas, ou as idéias sustentadas por J. J. Rousseau. Os Jacobinos denominaram sua Assembléia como Capítulos, usavam três iniciais misteriosas J B M que se prestavam a inúmeras interpretações, sendo que os seguidores dos Templários diziam que correspondiam as iniciais de Jacobus Burgundus de Molay. Mais uma coincidência: a Assembléia tinha designado o Palácio de Luxemburgo como residência da família real, mas os jacobinos exigiram que o Rei ficasse prisioneiro no Templo, a fortaleza dos antigos cavaleiros templários.

A lenda fala que um homem de alta estatura e de longas barbas perseguia e matava religiosos durante a Revolução gritando: “Esta é pelos Templários”. O mesmo homem que subiu ao palanque da execução de Louis XVI e molhando as mãos no sangue do monarca guilhotinado agitou-as sobre o povo gritando: “Povo francês, eu te batizo em nome de Jacques e da Liberdade”; segundo outros haveria gritado: “Jacques de Molay, estás vingado”.

Mas tanta violência por parte dos seguidores dos Templários acabou, para a mentalidade do povo daquela época, convertendo em mártires ao Rei e ao Papa. Daí a necessidade de estudar e divulgar a história dos Templários, tal como ela é, procurando nas melhores fontes, para que a verdade resplandeça com todo seu brilho e que a vida e o sacrifício de Jacques de Molay perdure como um exemplo de fidelidade aos seus princípios.

Acabamos de recordar a vida, paixão e morte dos Cavaleiros Templários. Quase oito séculos têm transcorrido e o mundo em algo mudou, mas sabemos que sempre existirá a injustiça, a fome, o fanatismo e a ignorância. A Maçonaria, que também tem sua Tríplice Missão, tem muito a fazer ainda na reconstrução do Templo ideal para um mundo melhor. Levantemos nossos emblemas e nossas espadas flamejantes e vamos em frente, sem nada temer, acompanhados da divisa eterna:

“Non Nobis Domine, Non Nobis, sed Nomini Tuo da Gloriam”.

Bibliografia:

Os Tribunais Secretos, Paulo Féval, Edição 1874, Lisboa, tradução de Manuel Pinheiro Chagas.

Os Mistérios Templários, Louis Charpentier, Ed 1978, (R J), tradução de Rolando Roque da Silva

História das Sociedades, Rubim Santos de Leão de Aquino, Denise de Azevedo Franco, Oscar Guilherme Pahl Campos Lopes, Edição 1987, Rio de Janeiro

Historia del Trabajo – Tomo II, Philippe Wolf e Frederic Mauro, Edição 1965, Barcelona

Enciclopédia Mirador

Revistas A Verdade, março de 1992, setembro e outubro de 1987

Revista Masónica de Chile, março 1941, novembro/dez 1968, set/outubro 1971, outubro de 1965

Publicada na Revista "A Verdade" – Edição de Janeiro e Fevereiro de 1993.

OmarCartes

A.R.L.S. Guatimozin 66

